

RIO AZUL (8)

CAPELA - RIO AZUL DE CIMA



Esta é a capela atual e primeira, tamanho 6x16 metros. Desde a primeira reunião no dia 27 de agosto de 1961 a comissão recolhia as prendas e donativos em material e em dinheiro. A comunidade começou a fazer a capela no ano 1963 e terminou no ano de 1964. A primeira Missa na capela nova foi rezada pelo Pe. Luiz Gump SVD em 1965.

Animação cristã da ordem temporal

Na verdade, o plano de Deus acerca do mundo é que os homens, em espírito de concórdia, instauram e continuamente aperfeiçoem a ordem temporal.

Todas as coisas que constituem a ordem temporal, como sejam os bens da vida e da família, a cultura, a economia, as artes e profissões, as instituições da comunidade política, as relações internacionais e outras coisas deste gênero, assim como a sua evolução e progresso, não são apenas auxílio para o fim último do homem; elas têm um valor próprio que foi mesmo quer como partes de toda a ordem temporal. "E Deus viu todas as coisas que tinha feito e eram muito boas" (Gên 1,31). Esta sua bondade natural recebe um enobrecimento especial da sua relação com a pessoa humana, para cujo serviço foram criadas. Finalmente, aprouve a Deus unificar todas as coisas, tanto naturais como sobrenaturais, em Cristo Jesus, "para que Ele próprio tenha o primado em tudo" (Col 1,18). Esta finalidade não só não priva a ordem temporal da sua autonomia, dos seus fins próprios, das suas leis, do seu valor, dos seus próprios meios, da sua importância para o bem dos homens, mas antes a aperfeiçoa na sua força e valor próprio e simultaneamente a adequa à vocação integral do homem sobre a terra.

No decurso da história, o uso das coisas temporais foi desvirtuado por graves vícios, porque os homens, atingidos pelo pecado original, caíram frequentemente em muitíssimos erros acerca do verdadeiro Deus, da natureza do homem e dos princípios da lei moral; daqui, os costumes e as instituições humanas corrompidas e, não raro, a própria pessoa humana esmagada.

Também nos nossos dias, não poucos, confiam do demasiado no progresso das ciências naturais e das técnicas, caem como que na idolatria das coisas temporais, tornando-se delas mais escravos do que senhores.

E dever da Igreja toda esforçar-se para que os homens se tornem capazes de estabelecer realmente a ordem temporal e de, por meio de Cristo, a ordenarem para Deus.

Compete aos Pastores enunciar claramente os princípios acerca dos fins da criação e do uso do mundo e proporcionar auxílios morais e espirituais para que se instaure, em Cristo, a ordem temporal. Cabe, porém, aos leigos assumir a instauração da ordem temporal como um dever próprio e nela, guiados pela luz do Evangelho e pela mente da Igreja impelidos pela caridade cristã, agir diretamente e de modo concreto; como cidadãos, cooperar com os outros cidadãos segundo a sua competência específica e sob a sua própria responsabilidade; e, em toda a parte e em todo, procurar a justiça do reino de Deus.

(Concílio Eucuménico Vaticano II).

THADEU KRUL

CRUZ MACHADO - 75 anos

(Fragmentos do livro "De Lublin ao Paraná")

2) ... Nesta última etapa da penosa viagem, houve um incidente que impressionou mal aos presentes, especialmente à minha mãe. A carroça em que viajavam os Ostrowski, junto com as famílias de Stelmach e Skubisz, era a última. Na realidade, nela mal couberam as mulheres e as crianças miúdas. Os demais iam a pé empurrando-a na subida ou desatolando na planície. Seguiam com alguns dias de atraso, uma vez que a família que tivesse um doente era obrigada a se deter em Mallet, para atendimento médico e recuperação.

A certa altura, as crianças começaram a chorar e pedir o pão que não havia. As mães as confortavam e distraíam, até que se aproximou um cavaleiro, indagando a razão do choro. Com gestos das mãos, uma das mães fê-lo entender qual o problema. Em seguida, o estranho, que lhes pareceu ser um médico, falou com o carroceiro e obteve deste uma broa caseira, entregando-a às mulheres agradecidas. Com um simpático sorriso de bondade, fez o gesto de despedida e seguiu o seu caminho, provavelmente para atender um doente, ou para fazer uma visita a pessoa amiga.

Entre o carroceiro e sua mulher começou uma violenta discussão, obviamente por causa do pão. Tanto é que ela apontava para o seu filho que trazia ao colo. Ficou tão irada e com tanto ódio que desceu da carroça, e agarrando-se às rédeas, tentou desviar os animais para o precipício. Só voltou à razão quando ouviu um estampido de arma de fogo.

Durante o impasse que prometia trazer consequências desastrosas, João Stelmach tirou de sua bagagem a espingarda e detonou-a para o ar. Em seguida apontou-a carregada em direção da mulher morena, ordenando-lhe em polonês "que voltasse ao assento. Ela não entendeu a fala mas entendeu os gestos. Obedeceu, mas com um olhar de ódio para os estrangeiros. Tamanho ódio por aquele motivo banal foi marcado para sempre por aquele grupo de viajantes retardatários.

As impressões anteriores a respeito do acampamento de Concórdia — que pouco tinha de comum com a palavra — meu pai acrescenta o seguinte:

— Reclamávamos, e com razão, durante a viagem, mas foi aqui que comecei um verdadeiro inferno. Esperavam-nos casebres cobertos com folhas de palmeiras, de 5 por 3 metros quadrados, e ainda com divisões para duas famílias. Um povoado de indigentes na selva virgem. Era um suplício e desespero. Cozinhávamos fora porque dentro não havia lugar para nada. Quando chovia a tarefa junto ao fogo era a mais difícil. Mas tivemos que nos sujeitar e agüentar a parada. Não havia outra opção. Recebíamos feijão, arroz, banha, charque de gado, muitas vezes bichado ou deteriorado e por vezes lingüiça. Nenhuma verdade, até descobrirmos o aproveitamento do palmito. Palmeiras não faltavam. Na falta do vinagre usávamos o azedinho silvestre.

— A falta de boa alimentação, a promiscuidade e clima insalubre, deram origem à epidemias — escarlatina, tifo, escorbuto e mais tarde o reumatismo que deformava os membros. Estávamos sendo reduzidos. A morte cefava sem piedade, deixando pais desesperados, filhos desprotegidos. Não se podia vencer a confecção de caixões. Chegamos a sepultar duas crianças num só caixão. No domingo de Páscoa sepultamos o nosso pai. Foi um duro golpe mas tivemos que nos conformar, não éramos os únicos a sofrer.

— A situação ficou intolerável e então enviamos reclamações a Curitiba. Começaram a nos mandar para os lotes recém-demarcados, na mata virgem, desprovidos de recursos. Os adultos seguiram a pé e as crianças no lombo dos mueres.

E deixaram-nos a céu aberto. Tivemos que improvisar um abrigo de galhos e pensar no dia seguinte como resolver os problemas de toda espécie. (A família de meu pai ocupou o Lote n.º 1 da Linha Iguazu, uma esquina onde começava também a Linha Victória, no povoado Sede, hoje cidade de Cruz Machado, sede do Município do mesmo nome. O Lote n.º 2 vizinho, foi mais tarde passado para a família de meu avô Francisco Ostrowski).

* * *

A maldadada Concórdia recebeu algum tempo depois os novos aventureiros. Lembra minha mãe que ali depararam com um cemitério com cruzes de galhos que ainda não chegaram a secar por completo. Não demoraram naquele acampamento, indo juntar-se aos demais. Desta vez os imigrantes tiveram que transportar suas bagagens às costas, na falta de jumentos.

Mudaram de lugar mas não se livraram das doenças trazidas de Concórdia. E surgiu um novo cemitério. As famílias se desesperavam. Também a família Ostrowski pagou o tributo à morte. Perderam o filho caçula Olek. No seu lugar tomaram para criar um dos três órfãos deixados pelo casal Amélia e Tomás Konowalek, falecidos no mesmo mês. Era a Sofia, de seis meses, mais tarde minha zelosa pagem e ajudante de minha mãe nos afazeres domésticos e outros.

No período desse drama, surgiu inesperadamente, como se enviado por Deus, um samaritano, um homem de aspecto frágil, moreno, cujo nome foi perpetuado na história de Cruz Machado.

O farmacêutico Antiocho Pereira veio de União da Vitória, onde residia, a pedido da Comissão, tendo-se em vista a sua grande reputação profissional. Além de renomado farmacêutico, possuía um espírito filantrópico. Compadecido com a desdita daquela gente desesperada, para melhor atendê-los, resolveu montar uma pequena farmácia no local.

Grassava então a epidemia da gripe. Graças aos seus cuidados, e a sua competência, foram salvas da morte muitas pessoas, inclusive o meu pai. Atendia os doentes a qualquer hora e nada cobrava deles pelos serviços prestados. Além disso, distribuía gratuitamente os medicamentos, embora não os tivesse ganho de graça. Era um homem de bem, na expressão da palavra, sem segundas intenções.

Era de estatura baixa, peso pena (no dizer dos boxeurs), peso ideal para um jóquei, mas de olhar severo e franco. Na realidade, eram só aparências, só para impressionar, porque naquele corpo franzino, cresceu um coração enorme em matéria de bondade. Mas... quando se tratava de justiça ou bom senso, cuidado com ele! Ficava uma fera, não importando quem o contrariasse nos bons propósitos, ditados pelo coração, pela lógica ou pela consciência.

Seu espírito altruísta, espírito de verdadeiro cristão, não poucas vezes prejudicou os seus interesses particulares. Não hesitava, — como se costuma dizer — em tirar a camisa do corpo para dá-la a um infeliz necessitado. Possuía, enfim, virtudes invejáveis, próprias de pessoas escolhidas pelo Criador que amavam o seu próximo como Ele amava.

Era tão querido por aquela gente estranha para, que todos aqueles louros camponeses da Polónia eram seus compadres. Dele, e da sua dedicada esposa Maria Huergo Pereira, chamada carinhosamente de Dona Marica. O casal fazia questão de tomar parte em todos os aniversários, casamentos e batizados na colónia. Gostavam de festa se de bailes. Os dois aprenderam a falar o polonês.

(continua)

Zuzanna G...
sze.

